

A dívida externa em momento de transição

O ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, e o vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, se valeram ontem do exemplo do México — que levou seis meses para terminar a última negociação com os credores — para sugerir que o Brasil só deverá fechar no próximo

governo o acordo que começará a discutir com os bancos segunda-feira.

Langoni arrisca que esse será “o primeiro grande teste político de Tancredo”. Marcílio acha que o Brasil deverá entrar “no vácuo” do México e da Venezuela, que conseguiram acordos de reescalonamento plurianual de suas dívidas externas.

O que distingue o Brasil dos outros dois países é que ele tem sua primeira oportunidade de renegociação plurianual num momento de transição política. Langoni pensa que o novo Governo deve aproveitar ao máximo a base de apoio popular com que iniciará o mandato para atacar imediatamente os problemas mais prementes da economia, como a dívida externa. Faz uma comparação com o Governo Alfonsín, que — dispondo de imenso apoio — “desperdiçou seis meses”.

Marcílio Marques Moreira acha que a transição junto aos credores poderá ser feita ou através de um acordo intermediário ou, o que acha mais provável e desejável, através de uma negociação cujos três primeiros meses seriam dedicados aos trabalhos técnicos preliminares, o que equivale a dizer que a fase conclusiva ficaria para depois de 15 de março.

Marcílio lembra que o que precisa ser negociado já é uma cláusula **stand still**, que suspenda temporariamente os pagamentos da dívida externa que vencem a partir de 1º de janeiro. Como diz o vice-presidente do Unibanco, “é um acordo para dar tempo à própria renegociação”.

Ciro

